

**Sonhos, interesses, desprendimentos:  
pequeno histórico da criação e da instalação da FEG \***

por *Maurício Delamaro* que dedica, novamente, a *Pérola Byington*

*"Outros haverão de ter  
O que houvermos de perder.  
Outros poderão achar  
O que, no nosso encontrar,  
Foi achado, ou não achado,  
Segundo o destino dado."*

Fernando Pessoa

A criação de uma instituição acadêmica de nível superior aparece como pretensão da elite política de Guaratinguetá, desde a década de 1940. Muitos desses atores estão ligados às instituições de ensino locais e consideram a instalação de uma faculdade como decisiva para a "modernização" da cidade e da região.

Um dos propósitos principais do Centro Estudantino de Guaratinguetá - CEG, na sua fundação, em 1946, é a realização de ações que contribuíssem para a instalação de uma Faculdade na cidade<sup>1</sup>. O CEG reunia estudantes secundaristas de três estabelecimentos de ensino: Colégio do Carmo, Colégio Nogueira da Gama e Instituto de Educação Conselheiro Rodrigues Alves.

Um dos fundadores do CEG diz que, até o início da década de 60, "ainda se falava em trazer uma Faculdade para Guaratinguetá. Mas era uma coisa muito remota, muito distante. Era uma idéia que alimentávamos, mas não havia como torná-la realidade"<sup>2</sup>. No ano de 1961, um grupo de professores secundaristas liderado por Leo Nogueira busca apoio do então Prefeito, Zolner Machado, e tenta realizar uma arrecadação de fundos para a instalação de uma Faculdade. Zolner Machado funda, então, a "Sociedade Universitária de Guaratinguetá", que reunia aproximadamente 20 pessoas comprometidas em fazer doações a fim de auxiliar na implantação de uma Faculdade de Economia. A autorização do Conselho Federal de Educação para o funcionamento da Faculdade tinha condições reais de ser obtida, mas um acidente automobilístico com o líder do grupo, o Prefeito Zolner, aliado a interferências políticas, principalmente de políticos excluídos do processo, frustraram mais essa tentativa.

Uma terceira tentativa frustrada ocorre com um conjunto de Professores agrupados em torno do Prefeito empossado em 1964, Professor Belmiro Dinamarco Filho<sup>3</sup>. As tentativas viram-se frustradas, mais uma vez.

Na campanha que o levou a ser Governador do Estado de São Paulo, Adhemar de Barros promete a instalação de uma Faculdade estadual na cidade. Esta promessa, embora representasse um comprometimento, foi feita a diversas outras cidades, não significando, assim, qualquer garantia maior. Concomitantemente, no mesmo período eleitoral, Zolner Machado torna-se Deputado Estadual e prepara diversos projetos visando a aprovação de Faculdades sediadas na região. Cada um desses projetos criava Faculdades de uma especialidade: Medicina, Engenharia, Odontologia e Agronomia. A apresentação para discussão na Assembleia Legislativa de um deles, segundo Zolner, estaria subordinada às suas possibilidades de aprovação. Em reuniões com estudantes do Centro Estudantino, Professores interessados na questão e pessoas ligadas às anteriores tentativas, ocorre polarização das preferências entre duas especialidades: Medicina e Engenharia. O Deputado, considerando a existência de uma Faculdade de Medicina na vizinha cidade de Taubaté e o momento de industrialização por que passa então o Vale do Paraíba, opta por apresentar o projeto de criação da Faculdade de Engenharia Mecânica. O projeto é aprovado, tornando-se a Lei

---

• O presente texto é uma atualização de parte do livreto "Sobre o Campus de UNESP de Guaratinguetá: origens e arredores", editado em comemoração ao Jubileu de Prata da FEG, em 1991.

Estadual 8.459, de 4 de dezembro de 1964. A aprovação é seguida, nas palavras de Zolner, de "toda uma luta interna, junto aos Deputados e Governo do Estado, para que não ocorresse o veto do Governador. Muita gente diz que o Governador Adhemar de Barros havia prometido, em praça pública, trazer uma Faculdade para Guaratinguetá, mas essa promessa, eu posso afirmar, ele fez em Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Lorena, Taubaté e em todas as cidades do Estado de São Paulo." Na tentativa de evitar o veto foi acionada a Câmara Municipal local, cujos funcionários percorreram o Vale do Paraíba, desde Pindamonhangaba até Bananal, buscando e conseguindo apoio de Prefeitos e Presidentes de Câmaras Municipais para a instalação da Faculdade em Guara tinguê tá.<sup>4</sup> Ao mesmo tempo, Zolner - que era líder da bancada do P'TB na Assembléia Legislativa - nas suas palavras, "prevendo a hipótese de um veto, (...) já ia antecipando compromissos com amigos Deputados da época". Somando-se a essas iniciativas, o Deputado Federal André Broca Filho, ex-prefeito de Guaratinguetá e ademarista histórico, faz pressão sobre o Governo. O resultado é que o Governador não vetou o projeto.

A dificuldade, então, passa a ser a aprovação do Conselho Estadual de Educação, o qual havia decidido "que não se criaria mais nenhuma unidade universitária isolada no Estado".<sup>5</sup> Mas, frente ao projeto de lei aprovado, o Governador nomeia uma comissão para estudar a conveniência de se criar uma Faculdade de Engenharia Mecânica em Guaratinguetá, e cujo parecer seria submetido ao CEE. Essa comissão foi montada com os seguintes integrantes: Engenheiro Antônio de Carvalho Aguiar, Conselheiro do CEE e Professor do Colégio Bandeirantes; Engenheiro Lino Guedes, funcionário de carreira da Secretaria de Agricultura; e Professor Marco Antônio Guglielmo Cecchini, então reitor do Instituto Tecnológica da Aeronáutica - ITA. Frente ao fato da comissão estar demorando a se reunir, o Professor Cecchini, relator da comissão, toma a iniciativa de visitar Guaratinguetá e preparar um relatório que posteriormente é colocado em discussão com os demais membros. Essa oportunidade deu-se numa visita dos outros dois membros ao ITA, que pretendiam, então, começar os trabalhos da comissão. Mas, estando já pronto o documento elaborado pelo Professor Cecchini, ele foi discutido e finalmente aprovado por unanimidade, tornando-se o relatório oficial da comissão ao CEE. O relatório é favorável à criação da Faculdade, chegando a indicar deficiências a serem superadas e as linhas gerais sobre o currículo e o método de ensino a serem adotados, além de recomendações sobre a instalação e fase provisória de funcionamento da Faculdade.<sup>6</sup> Havia considerações no sentido de que a Faculdade a ser criada fosse de Engenharia Química e não de Mecânica, como havia sido aprovado na Assembléia Legislativa. Essas considerações parecem não ter sido levadas em conta pelo CEE.

Antes da apresentação do relatório ao CEE, seu então Presidente, Professor Zeferino Vaz, participa, em Guaratinguetá, de uma reunião no Cine Central, patrocinada pelo Deputado Broca Filho. A assistência estava formada por Professores, estudantes - especialmente os ligados ao Centro Estudantino - e seus pais. Na ocasião, o Professor Zeferino sustenta e externa sua intransigente posição contra a instalação de uma Faculdade na cidade, por considerá-la sem condições mínimas para tanto.<sup>7</sup> O CEG, então, organiza protestos e passeatas a favor da instalação.

Quando da apresentação do relatório da comissão para julgamento do CEE, ocorre uma violenta discussão. Além do documento elaborado pelo Professor Cecchini, é difícil precisar quais os fatores decisivos para o resultado final que foi o de aprovação. Entre esses fatores estão, certamente, as pressões, gestões e acordos patrocinados por Zolner Machado e Broca Filho, ambos ademaristas e, portanto, situacionistas. A substituição repentina do Presidente do Conselho, Professor Zeferino, pela então Secretaria da Educação, Professora Esther de Figueiredo Ferraz, é apontada por alguns como uma interferência direta do Governador a favor da aprovação.<sup>8</sup> No entanto, parece óbvio que os professores do ITA foram decisivos e jogaram todo seu prestígio a favor da criação da FEG. Pode-se cogitar, hipoteticamente, que tal empenho deveu-se especialmente ao momento político nacional: a ditadura militar advinda do golpe de 1964 não deixava ainda claro quais seriam suas ações para o ensino superior de uma forma geral e, em particular, para o ITA. Um plano alternativo, numa faculdade estadual, representava a possibilidade de preservação dos profissionais e da massa crítica já formada naquela instituição.

A instalação da Faculdade dependia ainda de disponibilidade das instalações físicas. A alegação do Governador é de que havia falta de verbas, embora encomende à Secretaria de Transportes um

projeto dos prédios. O local escolhido e indicado, já mesmo pela comissão que deu o parecer ao CEE, para funcionamento em caráter precário, foi o Instituto de Educação Conselheiro Rodrigues Alves. O diretor designado pelo Governador é Lino Guedes.

O decreto do Governador 46.242, de 06 de maio de 1966, autoriza o funcionamento da Faculdade.

Em maio de 1966, é ministrada a primeira aula para os recém ingressados estudantes da primeira turma da Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá. A disciplina, Química Geral. O Professor, Marco Antônio Guglielmo Cecchini. Este Professor assume, de comum acordo com o Professor Lino, a responsabilidade de recrutar docentes para as diversas disciplinas. Pelo Professor Cecchini foram convidados diversos professores do ITA que não só ministravam aulas, mas também realizaram a estruturação inicial da Faculdade, elaborando seus primeiros estatuto e regimento. O Professor Cecchini é auxiliado e apoiado pelo Professor Francisco Antônio Lacaz Neto que, durante alguns poucos meses, ministrou disciplinas na área de Matemática, em meados de 1966, até tornar-se reitor do ITA. No entanto, o Professor Lacaz manteve o interesse pela nova instituição e incentivou outros professores do ITA a somarem esforços para viabilizarem a nova Faculdade. Os primeiros professores foram: Carl Hermann Weiss, Carlos A. B. Borges e Leo Huet Amaral, Ednardo de Paula Santos e Kazuyoshi Umezú. O Professor Lino Guedes ministrava desenho, sendo posteriormente substituído pelo Professor Alfredo A. Paula Santos Vieira. Outros Professores que logo se integraram ao grupo inicial: Maria Helena Lacaz, Leopoldina de Faria Ribeiro e Salvador Saad.<sup>9</sup>

Frente à certeza de demora para a liberação das verbas para a construção de suas instalações próprias, o Prefeito Belmiro Dinamarca busca um local alternativo para o funcionamento da FEG. Em 1967, tem início o funcionamento da Faculdade no prédio número 62 da Praça Conselheiro Rodrigues Alves, cujas instalações são alugadas, pela Prefeitura Municipal, à localmente tradicional família Camargo. A Prefeitura responsabiliza-se e, ainda, pelo pagamento e cessão de funcionários, manutenção das instalações e execução de melhorias necessárias, já que o prédio foi alugado sem que estivesse totalmente concluído.

No ano de 1967, ainda, a recém criada FEG corre o risco de ser fechada. Pela inexistência, nas ocupações restritas a dois andares do prédio da praça Conselheiro Rodrigues Alves, de oficinas e laboratórios, o Conselho Federal de Educação dá parecer contrário à subsistência da Faculdade. Na época, essas dificuldades são enfrentadas com o auxílio do chefe da Casa Civil do Governo Abreu Sodré, Henrique Turner, guaratinguetaense, eleito Deputado Federal por cinco vezes consecutivas desde 1959.

O Deputado Turner primeiramente convida o Sr. Gilberto Fillipo, pessoa de sua confiança, para assumir a direção da FEG em substituição ao Professor Lino, que desejava retornar às suas atividades na Secretaria da Agricultura.<sup>10</sup> Aceito o convite, o Governador faz prontamente a nomeação. O propósito do Governo do Estado, segundo Turner, era ajudar o novo diretor para que a escola não sucumbisse, embora, segundo suas próprias palavras, "não era possível, com verbas do Fundo de Educação (a única fonte com disponibilidade orçamentária), construir escolas de nível superior. As verbas do Fundo só podiam atender até o nível médio". A solução paliativa foi, então, a compra, por conta do Governo do Estado, de dois ônibus para o traslado dos estudantes para as oficinas e laboratórios de duas instituições com as quais foram firmados convênios: o ITA, em São José dos Campos e a EFEI, em Itajubá.<sup>11</sup> Com isso foram contornadas, precariamente, as exigências do CEE. A partir desse instante, foi buscada uma solução definitiva que viabilizasse a existência de oficinas e laboratórios para a Faculdade. Novamente com a interferência do Deputado Turner, sempre através da Casa Civil do Governo Estadual, foi viabilizada a criação do Colégio Técnico de Guaratinguetá, com a qual abriu-se a possibilidade de utilização de verbas do Fundo de Educação para a construção de oficinas e laboratórios que foram compartilhados com a Faculdade. Isto significou a garantia de existência das instalações fundamentais para a sobrevivência da Faculdade e o atendimento, em definitivo, das exigências do CEE.

Faltava, ainda, que a Faculdade tivesse suas próprias instalações. A escolha e obtenção do terreno onde hoje se encontram a FEG e o CTI é uma importante e bela passagem do período inicial do Campus. Uma comissão nomeada pelo Professor Lino, ao final do ano de 1966, devia emitir

parecer sobre o melhor terreno, entre os disponíveis, para a construção das instalações definitivas da Faculdade. Os terrenos considerados pela comissão foram: "1. Terreno de cerca de 15.000 m<sup>2</sup>, pertencente à prefeitura, onde tinha sede a Associação Esportiva de Guaratinguetá" e "2. Terreno de cerca de 80.000 m<sup>2</sup>, pertencente a particular, situado no loteamento Itahié-Guará, também chamado simplesmente Itaguará", "... ocupando uma colina, acima de uma pedreira de onde a Prefeitura retira Pedregulho." A comissão visitou os terrenos dia 23 de outubro de 1966, domingo, pela manhã, acompanhada do Prefeito Belmiro Dinamarco Filho e do Sr. Rui Mesquita, representante dos proprietários do "terreno do Itaguará". A comissão examinou, ainda, as plantas dos terrenos e fez um levantamento da opinião de alguns moradores da cidade. A opinião unânime da comissão foi a preferência pelo terreno do loteamento Itaguará, por ser maior, ser mais afastado dos locais de ruído e por situar-se "na região onde forçosamente deverá crescer a cidade nova. Pela posição elevada do terreno, o edifício da Faculdade ficara em destaque e se constituirá num novo monumento da cidade."<sup>13</sup>

A obtenção do terreno do loteamento Itaguará deveu-se à atuação de, principalmente, duas personagens: o Sr. Rui Mesquita e a Sra. Pérola Byngton.

Quando, em 1962, estavam sendo encaminhados os acertos para o lançamento de um clube - o Itaguará Country Club -, que viria a ocupar parte da fazenda da família Byngton. Rui Mesquita, então sócio cotista da fazenda e principal responsável pelo empreendimento do clube, pede à Dona Pérola que doe uma parte pequena da fazenda para a instalação de uma cidade universitária. Nas palavras de Rui Mesquita: "... expus a ela, Dona Pérola, que Guaratinguetá não contava com nenhuma Faculdade e que essa era uma das maiores aspirações da minha geração. Sempre que a encontrava, reforçava o pedido. Finalmente, em 1963, quando da assinatura do lançamento do clube, (...) Dona Pérola, após assinar a escritura, reuniu os herdeiros e disse textualmente a todos, na minha frente: 'eu assumi um compromisso com esse moço, de ceder, por doação, uma área de quatro alqueires para a instalação da primeira Faculdade da cidade de Guaratinguetá', e completou, 'aconteça o que acontecer, peço que cumpram a minha palavra'. No dia seguinte, Dona Pérola viajou para os Estados Unidos e, premonição ou não, morreu nessa viagem."<sup>14</sup>

Segundo, ainda, Rui Mesquita, quando foi feita "a planta, a área aumentou para cinco alqueires. (...) Só que nos queríamos fazer a doação para o Estado de São Paulo para termos uma Faculdade de alto padrão, ligada ao esquema da USP". Existia, na época, uma proposta para que a doação fosse feita para o município, mas "... havia o perigo de se ceder a área para uma aventura que poderia não dar certo. E a área ficaria perdida."

Com a criação da FEG, foram feitos os entendimentos entre a direção da Faculdade, o Estado, a Prefeitura e a família Byngton. Enfim o terreno foi doado com a finalidade específica de instalação da Faculdade. "O compromisso que Dona Pérola assumiu conosco foi honrado pelos seus herdeiros".<sup>5</sup>

Em 1968, começa, no terreno doado, a construção dos primeiros prédios da FEG.

Pode-se dizer que a partir desse momento, a vida da Faculdade gozou de uma tranquilidade relativa, se comparada com os momentos anteriores. Encerra-se um período que pode ser chamado o de "instalação" e a partir do qual sua existência está consolidada.

---

## Notas

<sup>1</sup> David Jorge David, entrevista a Maurício Delamaro, em 22 de agosto de 1989.

<sup>2</sup> Zolner Machado, entrevista a Maurício Delamaro, em 29 de agosto de 1989.

<sup>3</sup> Zolner Machado, op. cit., e Belmiro Dinamarco Filho, entrevista concedida a Maurício Delamaro, em 21 de agosto de 1989.

<sup>4</sup> André Broca Filho, entrevista a Maurício Delamaro e Jorge Muniz Jr., em 07 de junho de 1989.

<sup>5</sup> Marco Antônio G. Cecchini, entrevista a Maurício Delamaro, em 03 de maio de 1989.

<sup>6</sup> Ver "Relatório do planejamento e estudo para a instalação da Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá" in *Documentos de Fundação da FEG - 1965 -1966*, Guaratinguetá, 1981.

<sup>7</sup> André Broca Filho, op. cit.

<sup>8</sup> André Broca Filho e Belmiro Dinamarco, entrevistas já citadas.

<sup>9</sup> Marco Antônio G. Cecchini, op. cit.

<sup>10</sup> José Henrique Turner, entrevista a Maurício Delamaro e Jorge Muniz Jr., em 05 de agosto de 1989.

<sup>11</sup> José Henrique Turner e Marco Antônio G. Cecchini, entrevistas já citadas.

<sup>12</sup> Ver "Parecer sobre o terreno a ser utilizado para a construção da FEG" in op. cit. na nota 6.

<sup>13</sup> Ver "Parecer sobre o terreno a ser utilizado para a construção da FEG" in op. cit. na nota 6.

<sup>14</sup> Rui Mesquita, entrevista a José Luiz Souza, in *Revista **Tribo** 90*, ano 1, n. **1**, Guaratinguetá, s/ d (provavelmente 1989), sem paginação.

<sup>15</sup> Rui Mesquita, op. cit.